

éFe

**AUDRE
LORDE
IRMÃ
OUTSIDER**

ENSAIOS E CONFERÊNCIAS

autêntica

TRADUÇÃO: Stephanie Borges

**IRMĂ
OUTSIDER**

AUDRE
LORDE

**IRMÃ
OUTSIDER**

TRADUÇÃO
STEPHANIE BORGES

REVISÃO DE TRADUÇÃO
CECÍLIA MARTINS

éFe

autêntica

Copyright © 1984, 2007 Audre Lorde
Copyright © 2019 Autêntica Editora

Publicado mediante acordo com a Lennart Sane Agency AB.

Título original: *Sister Outsider*

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORAS RESPONSÁVEIS

Rejane Dias
Cecília Martins

COORDENADORAS DA COLEÇÃO

Cecília Martins
Rafaela Lamas

REVISÃO

Bruna Emanuele Fernandes
Samira Vilela

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Diogo Droschi
(capa sobre imagem de Jack Mitchell/
Getty Images)

DIAGRAMAÇÃO

Waldênia Alvarenga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lorde, Audre
Irmã outsider / Audre Lorde ; tradução Stephanie Borges. --
1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

Título original: *Sister Outsider*

ISBN 978-85-513-0434-1

1. Feminismo 2. Lesbianismo 3. Mulheres afro-americanas
4. Poesia I. Título.

18-20477

CDD-814

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Literatura norte-americana 814

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

 GRUPO **AUTÊNTICA**

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2310-2312 . Cerqueira César
01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br

7	Prefácio <i>Cheryl Clarke</i>
11	Introdução <i>Nancy K. Bereano</i>
19	Apontamentos de uma viagem à Rússia
45	A poesia não é um luxo
51	A transformação do silêncio em linguagem e em ação
57	Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor
67	Usos do erótico: o erótico como poder
75	Machismo: uma doença americana de <i>blackface</i>
83	Carta aberta a Mary Daly
91	O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista
101	Uma entrevista: Audre Lorde e Adrienne Rich
135	As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande
141	Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença
155	Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo
169	Aprendendo com os anos 1960
185	Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva
219	Granada revisitada: um relato provisório
237	Agradecimentos

PREFÁCIO

Cheryl Clarke¹

COM ESSE TÍTULO PARADOXAL, *Irmã outsider*, o trabalho em prosa mais importante de Audre Lorde, é ainda mais incisivo três décadas após sua primeira edição – e ultrapassa até mesmo o reconhecimento de sua poesia, que não é um trabalho menor. Se estivesse entre nós, vivendo a agitação dos Estados Unidos ou a calma das praias da Guiné, Lorde ainda desejaria reafirmar, e reafirmaria, sua condição de “outsider”. Assim como sua poesia, esta obra em prosa coloca Lorde (e a nós também) “na linha”, como dissera Akasha Gloria Hull anos atrás, pois recusa a segurança de uma zona de conforto. Eu sempre retorno a esses textos mais de uma vez – nesses tempos de atos imperialistas e antinaturais, como a guerra do Iraque e o abandono de sobreviventes da Costa do Golfo pelo governo após o furacão Katrina. *Irmã* é minha irmã, por mais que eu rejeite seu conselho: “Enquanto pessoas negras [...] temos que agir não só contra as forças externas que nos desumanizam, mas também contra os

¹ Cheryl Clarke é poeta, negra, lésbica, professora universitária e ativista. Nascida em 1947 em Washington, nos Estados Unidos, foi editora da revista *Conditions*, na qual alguns dos ensaios desta obra foram publicados originalmente. (N.T.)

valores opressores que fomos obrigados a internalizar”;² por mais que me enfureça com seus aforismos aparentemente simples: “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande”;³ por mais que ainda faça perguntas difíceis: “Por que as mulheres negras reservam uma voz específica de fúria e decepção para usarem entre si? Quem é que devemos destruir quando atacamos umas às outras com esse tom de premeditada aniquilação corretiva?”⁴

Na estante ou na base daquela pilha de outros volumes preciosos – *The Black Woman: An Anthology*; *Conditions: Five*, *The Black Women’s Issue*; *Lesbian Fiction*; *Top Ranking*⁵ –, a *Irmã* nunca está longe de mim. Tenho vários exemplares com páginas dobradas, trechos sublinhados, anotados, manchados de café; em casa, no trabalho ou na minha cabeceira, ela é tão necessária quanto meus óculos, minha visão secundária.

Nunca termino o semestre de minha disciplina de estudos das mulheres sem recorrer a um destes textos quando teorizo sobre o ativismo feminista: “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença”, “Carta aberta a Mary Daly” ou “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”. Em um único parágrafo, Lorde consegue implodir o projeto inteiro da filosofia iluminista ao mesmo tempo que usa suas ferramentas.

Em 1990, citei a mim mesma em “Knowing the Danger and Going There Anyway”, um artigo que escrevi sobre Lorde para um jornal feminista de Boston, *Sojourner*; vou subverter a alegoria de irmã e me citar outra vez: “Eu disse que a obra de Audre Lorde é

² “Aprendendo com os anos 1960”, p. 171.

³ “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande”, p. 137.

⁴ “Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva”, p. 200.

⁵ *The Black Woman: An Anthology*, organizado por Toni Cade Bambara; *Conditions: Five*, *The Black Women’s Issue*, revista literária feminista e lésbica, publicada entre 1976 e 1990 nos Estados Unidos; *Lesbian Fiction*; *Top Ranking*, coletânea de artigos sobre racismo e classismo entre lésbicas, organizada por Joan Gibbs e Sara Bennett. (N.E.)

‘uma vizinha com quem eu cresci, com quem sempre contei para uma conversa honesta, para me socorrer quando eu esquecia a chave de casa, para me acompanhar numa reunião de condomínio ou da associação de moradores, ou a um evento comunitário’”.⁶ Em 1990, Lorde ainda estava entre nós. *Irmã outsider* assumiu o lugar de sua criadora como essa boa vizinha. Com esta nova edição, teremos nossa irmã e vizinha por mais uma geração. Que os vizinhos de longa data continuem a se inspirar em sua escrita luminosa, e que os novos vizinhos sejam inspirados pela novidade.

2007

⁶ CLARKE, Cheryl. *The Days of Good Looks: Prose and Poetry, 1980-2005*. Nova York: Carroll & Graf, 2006.

INTRODUÇÃO

Nancy K. Bereano¹

QUANDO COMEÇAMOS a editar *Irmã outsider* – muito depois de termos o conceito do livro, um contrato assinado e um novo material escrito –, Audre Lorde me disse, numa tarde enquanto trabalhávamos, que ela não escrevia teoria. “Eu sou poeta”, declarou.

A importância de Lorde como poeta é inegável. Ainda assim, não há dúvida de que *Irmã outsider*, uma coletânea de ensaios e conferências da pensadora lésbica, negra e feminista, escolhidos entre seus escritos de não ficção em prosa produzidos nos últimos oito anos, deixa absolutamente claro para muitos o que alguns já sabiam: a voz de Audre Lorde é central para o desenvolvimento da teoria feminista contemporânea. Ela está entre o que há de mais afiado em questão de consciência.

Os quinze textos incluídos neste livro, vários deles publicados aqui pela primeira vez, são leituras essenciais. Seja pelo mais conhecido, “Usos do erótico: o erótico como poder”, que nos abre para o poder em potencial, em todos os aspectos da nossa vida, implícito no erótico,

¹ Nancy K. Bereano foi editora e uma das fundadoras da Firebrand Books, casa editorial reconhecida e premiada, dedicada a publicar autoras lésbicas e feministas. (N.T.)

Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas.²

seja pelo mais recente “Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva”, que investiga as raízes racistas da hostilidade entre as mulheres negras,

Somos mulheres negras nascidas em uma sociedade de arraigada repugnância e desprezo por tudo o que é negro e que vem das mulheres. Somos fortes e persistentes. Também temos cicatrizes profundas.³

a obra de Lorde expande, aprofunda e enriquece todas as nossas compreensões do que o feminismo pode ser.

Mas o que dizer do “conflito” entre poesia e teoria, entre suas esferas aparentemente separadas e incompatíveis? Disseram-nos que a poesia expressa o que sentimos, e a teoria afirma o que sabemos; que o poeta cria a partir do calor do momento, enquanto o teórico é, inevitavelmente, frio e racional; que a poesia é arte e, por isso, experimentada “de forma subjetiva”, enquanto a teoria é erudição, considerada confiável no mundo “objetivo” das ideias. Disseram-nos que a poesia tem alma e a teoria tem mente, e que precisamos escolher entre elas.

A estrutura do patriarcado branco ocidental exige que acreditemos na existência de um conflito inerente entre o que sentimos e o que pensamos – entre a poesia e a teoria. É mais fácil que nos controlem quando uma parte do nosso eu é separada da outra, fragmentada e sem equilíbrio. Contudo, existem outras configurações, outras formas de experimentar o mundo, ainda que seja difícil nomeá-las.

² “Usos do erótico: o erótico como poder”, p. 70.

³ “Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva”, p. 191.

Podemos senti-las e procurar articulá-las. Como fazer conexões e curar divisões desnecessárias é tarefa do feminismo, *Irmã outsider* é motivo de esperança.

A escrita de Audre Lorde é um impulso em direção à integridade. O que ela diz e como diz nos envolve intelectual e emocionalmente. Ela escreve a partir das particularidades de quem é: mulher negra, lésbica, feminista, mãe de duas crianças, filha de imigrantes de Granada, educadora, paciente de câncer, ativista. Ela cria material a partir de sua vida cotidiana, o qual podemos usar para moldar a nossa. De seu desejo de inteireza, de sua necessidade de abranger e abordar todas as partes de si, ela nos ensina sobre o significado de *diferença* – “a bruta e poderosa conexão da qual o nosso poder pessoal é forjado”.⁴

Como mãe judia, branca e lésbica, eu li “O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista” pela primeira vez há muitos anos, enquanto me empenhava para aceitar a inevitável e iminente masculinidade de meu filho na pré-puberdade. Meu menino não apenas se tornaria um homem fisicamente, ele poderia também agir como um. Essa percepção se tornou uma grande crise para mim, num contexto em que praticamente todas as mães lésbicas que eu conhecia (que também eram brancas, o que percebi posteriormente) ou insistiam que seus filhos “andróginos” continuariam daquela maneira, que não se tornariam homens machistas/misóginos, ou eram pressionadas a escolher entre um ideal separatista de comunidade e seus filhos. Eu me sentia acuada diante de tão poucas opções.

Lorde, entretanto, tinha uma visão mais ampla. Ela partiu da realidade de que seu filho se tornaria um homem (“Nossos filhos não vão crescer e se tornar mulheres”⁵) para depois questionar que tipo de homem ele se tornaria. Ela teve a clareza de que poderia amar seu filho intensamente e se desprender dele. De fato, para a sobrevivência

⁴ “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande”, p. 137.

⁵ “O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista”, p. 92.

dos dois, ela não tinha opção a não ser se desprender dele, ensinar-lhe: “não existo para lidar com os sentimentos dele por ele”.⁶

Lorde e eu somos mães lésbicas que tivemos de ensinar aos nossos meninos como lidar com os próprios sentimentos. No entanto, o filho dela, Jonathan, é negro, e o meu, Joshua, é branco, e essa não é uma diferença simples em uma sociedade racista, apesar da masculinidade em comum. Como Lorde escreveu:

Como mulheres, compartilhamos alguns problemas; outros, não. Vocês temem que seus filhos cresçam, se unam ao patriarcado e deponham contra vocês; nós tememos que nossos filhos sejam arrancados de dentro de um carro e sejam alvejados no meio da rua, e vocês darão as costas para os motivos pelos quais eles estão morrendo.⁷

Lembro-me de que uma grande mudança ocorreu dentro de mim quando li “O filho homem”.

Entendi não apenas que Lorde sabia mais do que eu sobre criar meninos, ainda que eu recebesse conselhos de especialistas. Percebi também como o conhecimento de Lorde estava diretamente ligado à sua diferença – aquelas realidades de negritude e lesbianismo que a colocaram fora da sociedade dominante. Ela tinha informações que eu, uma mulher branca que havia vivido a maior parte da vida em um mundo de classe média heterossexual, não tinha, informações que eu poderia usar, informações das quais eu precisava.

Para alguns de nós, a opressão é tão tipicamente americana quanto uma torta de maçã, e, para sobreviver, sempre tivemos de estar vigilantes [...].⁸

Eu sentia vergonha da minha arrogância, tinha medo de que minha ignorância fosse exposta e, por último, estava animada com

⁶ “O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista”, p. 93.

⁷ “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença” p. 148.

⁸ “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença” p. 141-142.

as possibilidades que se abriam para mim. Eu me comprometi com o meu futuro e tentei ouvir aquelas vozes, dos outros e de dentro de mim, que sabiam o que sabiam exatamente por serem diferentes. Eu queria ouvir o que elas tinham para me contar.

É claro, as reverberações continuaram.

Quando reli “O filho homem” vários anos depois, após muito esforço nesse ínterim para recuperar minha identidade judia, pensei sobre as complexidades de o meu filho ser um homem branco judeu em uma sociedade branca cristã. Na minha primeira leitura, isso não foi uma questão; hoje é difícil reconstruir minha falta de perspectiva.

Quando nos definimos, quando defino a mim mesma, o lugar em que sou como você e o lugar em que não sou como você, eu não a estou impedindo de unir-se a mim – estou ampliando suas possibilidades de união.⁹

À medida que tomamos ciência do processo interno de Lorde, percebemos outra redução da distância entre pensar e sentir. Vemos a passagem que ela faz do “caos do conhecimento [...], essa profundidade em cada uma de nós que nutre a visão”¹⁰ para as “ações hereges que nossos sonhos sugerem”.¹¹ Compreender – o entendimento e a união das peças, a passagem de um lugar para o outro – possibilita conexões outras tais como nos aventurar nas ações hereges que nossos sonhos sugerem.

O que a compreensão começa a fazer é tornar o conhecimento disponível para o uso, e essa é a urgência, esse é o impulso, esse é o estímulo.¹²

Estar em movimento é deliberado e sustenta a vida.

⁹ Em uma entrevista para *The Feminist Renaissance*.

¹⁰ “Uma entrevista: Audre Lorde e Adrienne Rich”, p. 124, e “Carta aberta a Mary Daly”, p. 86.

¹¹ “A poesia não é um luxo”, p. 48.

¹² “Uma entrevista: Audre Lorde e Adrienne Rich”, p. 134.

Em nenhum lugar essa intencionalidade é tão evidente quanto em “A transformação do silêncio em linguagem e em ação”. Aqui, Lorde luta contra um possível diagnóstico de câncer. “Tive a sensação, provavelmente uma consciência corporal, de que a vida nunca mais seria a mesma...”¹³ Ela trata disso em público, em um evento acadêmico, diante de setecentas mulheres. Lorde nos diz que está com medo, mas que o silêncio não é uma proteção.

E [falar] nunca é sem medo – da visibilidade, da crua luz do escrutínio e talvez do julgamento, da dor, da morte. Mas já passamos por tudo isso, em silêncio, exceto pela morte. E o tempo todo eu me lembro disto: se eu tivesse nascido muda, ou feito um voto de silêncio durante a vida toda em nome da minha segurança, eu ainda sofreria, ainda morreria. Isso é muito bom para colocar as coisas em perspectiva.¹⁴

O compromisso de Lorde em confrontar o pior para que ela esteja livre para experimentar o melhor é inabalável. Ainda que *Irmã outsider* abranja quase uma década de seu trabalho, nove dos quinze ensaios deste livro foram escritos nos dois anos seguintes à descoberta de que Lorde poderia ter, e tinha, câncer. No seu processo de amadurecimento, de aceitar e usar o que aprendeu, ela nos mostra coisas que podemos carregar na nossa luta por sobrevivência, não importa qual seja o nosso “pior”.

O que possivelmente nos resta temer depois de termos ficado cara a cara com a morte e não termos nos rendido a ela? Uma vez que aceito a existência da morte como um processo da vida, quem haverá de ter novamente algum poder sobre mim?¹⁵

Audre Lorde não nos pede mais do que pede de si mesma: que prestemos atenção nas vozes que nos ensinaram a tratar com

¹³ “Uma entrevista...”, p. 133.

¹⁴ “A transformação do silêncio em linguagem e em ação”, p. 55.

¹⁵ *The Cancer Journals* (Aunt Lute Books, 1980), p. 25.

desconfiança, que articulemos o que elas nos dizem, que atuemos de acordo com o que sabemos. Do mesmo modo que ela desenvolve, retrabalha e amplia os temas ao longo dos anos para criar teoria, nós podemos incorporar elementos de nossa vida.

Mulher negra, lésbica, feminista, mãe de duas crianças, filha de imigrantes granadinos, educadora, paciente de câncer, ativista. Os ensaios e as conferências em *Irmã outsider* dão nova amplitude àquela fundamental e desgastada máxima feminista de que o pessoal é político. Todas nós somos amplificadas pela obra de Audre Lorde.

Eu sou quem sou, fazendo o que vim fazer, agindo sobre vocês como uma droga ou um cinzel para que se lembrem do que há de mim em vocês, enquanto descubro vocês em mim.¹⁶

Dezembro de 1983

¹⁶ “Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva”, p. 185.

A TRANSFORMAÇÃO DO SILÊNCIO EM LINGUAGEM E EM AÇÃO¹

PASSEI A ACREDITAR, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. Estou aqui de pé, uma poeta lésbica negra, e o significado de tudo isso se reflete no fato de que ainda estou viva, e poderia não estar. Há menos de dois meses ouvi de dois médicos, uma mulher e um homem, que eu deveria fazer uma cirurgia nos seios, e havia 60% a 80% de chance de o tumor ser maligno. Entre receber a notícia e a cirurgia em si, vivi três semanas na agonia de reorganizar involuntariamente a minha vida inteira. A cirurgia foi um sucesso, e o tumor era benigno.

No entanto, durante essas três semanas, fui obrigada a olhar para mim e a refletir sobre minha vida com uma lucidez, penosa e urgente, que me deixou ainda abalada, mas muito mais forte. Muitas mulheres encaram essa mesma situação, inclusive algumas de vocês que hoje estão aqui. Parte da minha experiência durante esse

¹ Artigo apresentado em 28 de dezembro de 1977 no Lesbian and Literature Panel, na Modern Language Association, em Chicago, Illinois. Publicado pela primeira vez no periódico *Sinister Wisdom* 6 (1978) e no livro *The Cancer Journals* (São Francisco: Spinster, Ink, 1980).

período me ajudou a compreender melhor o que sinto em relação à transformação do silêncio em linguagem e em ação.

Ao tomar uma obrigatória e fundamental consciência da minha mortalidade, e do que eu desejava e queria para a minha vida, por mais curta que ela pudesse ser, prioridades e omissões ganharam relevância sob uma luz impiedosa, e o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios. Do que é que eu tinha medo? Eu temia que questionar ou me manifestar de acordo com as minhas crenças resultasse em dor ou morte. Mas todas somos feridas de tantas maneiras, o tempo todo, e a dor ou se modifica ou passa. A morte, por outro lado, é o silêncio definitivo. E ela pode estar se aproximando rapidamente, agora, sem considerar se eu falei tudo o que precisava, ou se me trai em pequenos silêncios enquanto planejava falar um dia, ou enquanto esperava pelas palavras de outra pessoa. E comeci a reconhecer dentro de mim um poder cuja fonte é a compreensão de que, por mais desejável que seja não ter medo, aprender a vê-lo de maneira objetiva me deu uma força enorme.

Eu ia morrer, mais cedo ou mais tarde, tendo ou não me manifestado. Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais ainda estou em busca, tive contato com outras mulheres enquanto analisávamos as palavras adequadas a um mundo no qual todas nós acreditávamos, superando nossas diferenças. E foi a preocupação e o cuidado dessas mulheres que me deram força e me permitiram esmiuçar aspectos essenciais da minha vida.

As mulheres que me apoiaram durante esse período eram brancas e negras, velhas e jovens, lésbicas, bissexuais e heterossexuais, e todas nós travamos, juntas, uma guerra contra as tiranias do silêncio. Todas me deram a força e o acolhimento sem os quais eu não sobreviveria intacta. Durante essas semanas de medo intenso veio a compreensão – dentro da guerra, todas lutamos com as forças da morte, de maneira sutil ou não, conscientemente ou não – de que não sou apenas uma baixa, sou também uma guerreira.

Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? Para algumas de vocês que estão aqui hoje, talvez eu seja a expressão de um dos seus medos. Porque sou mulher, sou negra, sou lésbica, porque sou quem eu sou – uma poeta negra guerreira fazendo o meu trabalho –, então pergunto: vocês têm feito o trabalho de vocês?

E é claro que tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo. Mas minha filha, quando contei para ela qual era o nosso tema e falei da minha dificuldade com ele, me respondeu: “Fale para elas sobre como você jamais é realmente inteira se ficar em silêncio, porque sempre há aquele pedacinho dentro de você que quer ser posto para fora, e quanto mais você o ignora, mais ele se irrita e enlouquece, e se você não desembucha, um dia ele se revolta e dá um soco na sua cara, por dentro”.

Em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo – o medo do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação. Mas, acima de tudo, penso que tememos a visibilidade sem a qual não vivemos verdadeiramente. Neste país, onde diferenças raciais criam uma constante, ainda que velada, distorção de visões, as mulheres negras, por um lado, sempre foram altamente visíveis, assim como, por outro lado, foram invisibilizadas pela despersonalização do racismo. Mesmo dentro do movimento social das mulheres, nós tivemos que lutar, e ainda lutamos, por essa visibilidade, que é também o que nos torna mais vulneráveis – a nossa negritude. Para sobrevivermos na boca desse dragão que chamamos de América,² tivemos de aprender

² Em entrevista concedida em 1991 ao jornalista William Steif, da revista *The Progressive*, Audre Lorde explica que usa “américa” com inicial minúscula por sentir raiva de um país que finge ser o que não é, que ocupa “o lado errado de todas as lutas por libertação do planeta”. (N.T.)

esta primeira lição, a mais vital: que a nossa sobrevivência nunca fez parte dos planos. Não como seres humanos. Incluindo a sobrevivência da maioria de vocês aqui hoje, negras ou não. E essa visibilidade que nos torna mais vulneráveis é também a fonte de nossa maior força. Porque a máquina vai tentar nos reduzir a pó de qualquer maneira, quer falemos, quer não. Podemos ficar eternamente caladas pelos cantos enquanto nossas irmãs e nós somos diminuídas, enquanto nossos filhos são corrompidos e destruídos, enquanto nossa terra é envenenada; podemos ficar caladas a salvo nos nossos cantos, de bico fechado, e ainda assim nosso medo não será menor.

Na minha casa este ano estamos celebrando o Kwanzaa, festival afro-americano da colheita, que começa um dia depois do Natal e dura uma semana. O Kwanzaa tem sete princípios, um para cada dia. O primeiro é Umoja, que significa “unidade”, a decisão de se esforçar para alcançar e preservar a integridade individual e a união da comunidade. O princípio de ontem, o segundo dia, foi Kujichagulia, “autodeterminação”, a decisão de definirmos quem somos, nos darmos um nome, falarmos por nós, em vez de nos deixarmos definir pelos outros ou deixar que os outros falem por nós. Este é o terceiro dia do Kwanzaa, e o princípio de hoje é Ujima, “trabalho coletivo e responsabilidade”, a decisão de nos erguermos e nos mantermos unidas, a nós e à nossa comunidade, e de reconhecer e resolver nossos problemas juntas.

Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo.

Para aquelas entre nós que escrevem, é necessário esmiuçar não apenas a verdade do que dizemos, mas a verdade da própria linguagem que usamos. Para as demais, é necessário compartilhar e espalhar também as palavras que nos são significativas. Mas o mais

importante para todas nós é a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e as quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos. Porque somente assim podemos sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo, que é o crescimento.

E nunca é sem medo – da visibilidade, da crua luz do escrutínio e talvez do julgamento, da dor, da morte. Mas já passamos por tudo isso, em silêncio, exceto pela morte. E o tempo todo eu me lembro disto: se eu tivesse nascido muda, ou feito um voto de silêncio durante a vida toda em nome da minha segurança, eu ainda sofreria, ainda morreria. Isso é muito bom para colocar as coisas em perspectiva.

E nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para ser ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida. Que não nos escondamos por detrás das farsas de separação que nos foram impostas e que frequentemente aceitamos como se fossem invenção nossa. Por exemplo: “Provavelmente eu não posso ensinar literatura feita por mulheres negras – a experiência delas é diferente demais da minha”. E, no entanto, quantos anos vocês passaram ensinando Platão, Shakespeare e Proust? Outra: “Ela é uma mulher branca, o que teria para me dizer?”. Ou: “Ela é lésbica, o que meu marido, ou meu chefe, diria?”. Ou ainda: “Essa mulher escreve sobre os filhos e eu não tenho filhos”. E todas as outras incontáveis maneiras de nos privarmos de nós mesmas e umas das outras.

Podemos aprender a agir e falar quando temos medo da mesma maneira como aprendemos a agir e falar quando estamos cansadas. Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará.

O fato de estarmos aqui e de eu falar essas palavras é uma tentativa de quebrar o silêncio e de atenuar algumas das diferenças entre nós, pois não são elas que nos imobilizam, mas sim o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados.

Uma obra monumental. Assim podemos definir o livro *Irmã outsider*, de Audre Lorde, feminista negra estadunidense com fundamental trabalho teórico na Alemanha, onde se fixou como professora por anos nos bancos acadêmicos. Mulher, negra, lésbica, a escritora é entrecruzada por uma série de identidades que a posicionam como forasteira dentro de movimentos contra opressões estruturais, conferindo um lugar único de análise, potencializado pela sua escrita, que nos move a organizar a raiva ante as violências estruturais e canalizá-las para a transformação da sociedade.

Nesta bela edição da Autêntica, você se deparará com textos escritos ao longo de uma década que trazem reflexões da autora sobre amor, erotismo, guerra, imperialismo, lutas contra o racismo, o machismo, o classismo, a homofobia e outros temas que, escritos durante os anos 1970 e 1980, orientam e leem o mundo com impressionante atualidade. É uma obra necessária nas salas de casa, nas bibliotecas de escola e nos bancos acadêmicos, e muito bem-vinda ao Brasil, que precisa conhecer e mergulhar no pensamento revolucionário de Audre Lorde, cujas palavras inspiram a transformar o silêncio em linguagem e em ação.

Djamila Ribeiro

Mestre em Filosofia Política e coordenadora
da Coleção Feminismos Plurais

autêntica
www.autenticaeditora.com.br

ISBN 978-85-513-0434-1



9 788551 304341